

Trânsito de Goiânia: coletivo de problemas

Excesso da motorização privada e falta de infraestrutura são os principais fatores responsáveis pelos problemas no trânsito da cidade

Illa Rachel

Quem dirige em Goiânia, seja carro, ônibus ou motocicleta, tem a sensação de que a cidade está no limite. São engarrafamentos, acidentes, trânsito caótico durante quase todo o dia. Quem se desloca para o Câmpus Samambaia, na região norte de Goiânia, especialmente pela manhã, vivencia bem essa experiência. O aumento da motorização privada é um fenômeno mundial e reflete um modo de vida que privilegia o veículo motorizado de uso particular em detrimento de outras opções, como o transporte coletivo e os meios não-motorizados de deslocamento.

Professora da Escola de Engenharia Civil da UFG e doutora em planejamento de transportes, Márcia Helena Macedo destaca uma série de fatores que, somados, culminam nesse quadro. A facilidade de aquisição de um automóvel, associada ao custo relativamente baixo dos combustíveis, estimula a utilização da motorização privada. Acrescenta-se ainda o problema da qualidade e do preço do serviço de transporte público que, longe de atender às necessidades da população, contribui também para o uso de automóveis particulares. Como a infraestrutura da cidade não está apta a receber uma frota tão volumosa, o trânsito da capital tem se tornado cada vez mais problemático.

Para mudar a situação, Márcia Helena Macedo sugere o controle do desenvolvimento urbano e melhorias significativas e imediatas no transporte coletivo. A professora acredita, no entanto, que, se não forem estabelecidas políticas de restrição ao uso do veículo particular, poucas mudanças poderão ser sentidas. Uma das estratégias que ela sugere para isso são as políticas de preço. “Isso pode ser feito taxando o uso dos veículos com o estabelecimento de pedágios na cidade, por exemplo. Os fundos arrecadados poderiam ser aplicados na infraestrutura”, explica a professora. Outras duas medidas sugeridas por ela são o rodízio de automóveis, prática já tradicional na cidade de São Paulo, e o estabelecimento de um número de dias fixos para a circulação dos automóveis, com a cobrança de multas, em caso de extrapolação dos dias.

Remediando a situação – Enquanto medidas como essas não são postas em prática, os órgãos reguladores do trânsito da cidade fazem mudanças nas vias para amenizar o problema dos congestionamentos. Foi o que ocorreu no Jardim Balneário e no bairro Goiânia 2, duas vias de acesso ao Câmpus Samambaia. As rotatórias foram substituídas por semáforos para diminuir os engarrafamentos na região. A duplicação da Avenida Esperança, na Vila Itatiaia, também é outro exemplo dessas soluções imediatas. A obra, resultante de um acordo entre a universidade e a Prefeitura de Goiânia, foi realizada pela Agência Municipal de Obras (AMOB) e tem o objetivo de desafogar o trânsito na avenida.

Márcia Helena Macedo acredita que estas são medidas necessárias mas paliativas, pois resolvem o problema apenas pontualmente. A falta de estudo do trânsito e de profissionais capacitados são os principais empecilhos para que se encontrem soluções de longo prazo. “É preciso coletar dados, analisar, para então decidir o que deve ser feito. A substituição de rotatórias por semáforos e a construção de trincheiras pode resolver o problema em determinado local, mas em outros pontos ele permanece”, explica a professora. Acima de tudo, ela acredita que a utilização de outros meios de transporte que não o individual seria a principal solução a longo prazo.

Em busca de soluções para os problemas da mobilidade urbana, a universidade, a Agência Municipal de Transportes (AMT) e o Conselho Estadual de Trânsito (Cetran/GO) têm investido no diálogo para um esforço conjunto. A parceria entre as instituições visa à capacitação de gestores, com medidas como cursos de especialização e seminários, e à aplicação prática de projetos de pesquisa e extensão da UFG voltados para a melhoria da situação da mobilidade urbana. Márcia Helena Macedo é enfática ao dizer que não existem soluções fáceis e mágicas para o problema dos congestionamentos. Porém, ressalta que é preciso começar a pensar em soluções, pois, caso não haja empenho nisso, as cidades serão consumidas por esse modelo de circulação falido.

Carlos Siqueira

